

Israel e Egito permitem envio de ajuda a Gaza; 4,6 mil já morreram no conflito

— Biden fecha acordo após reunião com premiê israelense e conversa com líder egípcio; fronteira será fechada novamente caso carregamentos sejam confiscados pelo Hamas

TEL-AVIV

Israel autorizou ontem a entrada de ajuda humanitária em Gaza a partir do Egito, após pressão de aliados internacionais, principalmente do presidente dos EUA, Joe Biden, que esteve ontem em Tel-Aviv reunido com o premiê Binyamin Netanyahu. A decisão acaba com o cerco total imposto no dia 9 ao enclave em um conflito que já matou 4,6 mil pessoas – 1,4 mil israelenses e 3,2 mil palestinos.

O governo de Israel, porém, impôs uma condição: carregamentos limitados que não devem chegar às mãos do Hamas – embora não se saiba como os militares israelenses fariam esse controle. O acordo foi anunciado por Biden. Antes de embarcar de volta para os EUA, ele falou por telefone com o presidente egípcio, Abdel Fattah el-Sissi, que deu sinal verde para a operação.

Segundo Biden, o Egito permitiria a entrada de 20 caminhões de ajuda humanitária como um teste, mas sem dizer quando. “Se os militantes do Hamas interceptarem a ajuda, ela será encerrada. Mas, se não o fizerem, o Egito deixará entrar mais suprimentos”, disse o presidente americano. Segundo o jornal *The Guardian*, a distribuição começaria amanhã.

APOIO. O Egito é o único país – além de Israel – que faz fronteira com Gaza, por isso qualquer decisão deve passar necessariamente pelo aval do Cairo. O governo egípcio, por enquanto, se mantém irredutível quanto a abrir a passagem para refugiados. Sissi teme que os palestinos sejam impedidos de voltar futuramente ao enclave.

Ontem, Sissi afirmou que a presença de palestinos no Sinai, do lado egípcio, criaria um outro problema: caso eles disparassem foguetes contra Israel, o Egito estaria sujeito a eventuais bombardeios israelenses. O presidente do Egito, no entanto, sugeriu que não se oporia à criação de campos de refugiados de Gaza no Deserto de Negev, dentro de Israel, para esvaziar o enclave e facilitar uma invasão por terra.

A decisão de permitir a entrada de ajuda humanitária foi tomada horas depois de um foguete



Destruição causada por ataque de Israel em Khan Yunis, no sul da Faixa de Gaza: ajuda humanitária deve aliviar crise no enclave palestino

Para lembrar

Biden e Bibi, uma relação nem sempre amistosa

• Origem

O relação remonta à época em que Biden era um jovem senador e Netanyahu chefava a Embaixada de Israel em Washington.

• Obama

A tensão entre os dois cresceu no governo Obama, de quem Biden era vice. Em 2015, Netanyahu se opôs ao acordo nuclear com o Irã.

• Trump

Netanyahu apoiava descaradamente o republicano. A parceria lhe rendeu a mudança da Embaixada dos EUA para Jerusalém e acordos com aliados árabes.

• Reforma

A relação chegou ao ponto mais baixo depois que Biden passou a criticar a reforma do Judiciário proposta por Netanyahu.

de destruir o hospital Al-Ahli, em Gaza, matando cerca de 500 palestinos, segundo Ministério da Saúde no território. Israel diz ter provas de que a explosão foi causada por um artefato deficiente lançado pela Jihad Islâmica, que atua muitas vezes em

coordenação com o Hamas.

Ontem, Biden endossou a versão israelense. “Fiquei profundamente indignado com a explosão do hospital em Gaza”, disse, ao lado de Netanyahu. “Mas, com base no que vi, parece que ela foi causada pelo outro time, não por você.”

Os palestinos responsabilizam um ataque aéreo de Israel pela destruição do hospital. A Jihad Islâmica diz que não fez lançamentos no momento da explosão.

No passado, foguetes palestinos já falharam e atingiram civis em Gaza. Israel afirma que, desde que a guerra começou, mais de 400 caíram dentro do enclave. Ao mesmo tempo, funcionários da ONU e médicos afirmaram que o hospital Al-Ahli já havia sido atacado antes por Israel. Nenhuma das versões pode ser verificada de maneira independente.

DESPEDIDA. Antes de deixar Israel, Biden fez um discurso emocionado sobre o conflito e alertou para o risco de deixar a indignação coletiva influenciar as decisões dos israelenses. “Você sentem raiva, mas não se deixem consumir por ela. Depois do 11 de Setembro, nós ficamos com raiva nos EUA. Enquanto buscávamos justiça, também cometemos erros.”

Foguete Qassam teria atingido hospital, diz Israel

ANÁLISE g1.globo.com/br

ROBERTO GODOY

Segundo fontes do serviço de inteligência de Israel, fragmentos de um foguete palestino foram encontrados sob os escombros do hospital Al-Ahli Arab, destruído na madrugada de terça-feira, em Gaza. Caso isso se confirme, o foguete Qassam, sem sistema de direcionamento, é o provável responsável. A arma é usada pelo Hamas desde 2001.

Os foguetes Qassam têm várias versões com alcances de 10 km, 45 km, 80 km e 160 km. Desenvolvidos por Tito Massud e Jidal Farah, eles foram montados para ser intencionalmente simples, fáceis de manusear. Os primeiros eram feitos com tubos de encanamento.

Os modelos menores ainda hoje utilizam um combustível gelatinoso à base de glicose, amônia e nitrato de potássio – produtos disponíveis no mercado civil. Cada peça mede de 1,80 m e 2,44 m de comprimento. A base de disparo, seme-

lhante à empregada por morteiros, é montada com trilhos de cortina.

Classificados como foguetes livres, foram usados em várias operações de fogo de saturação de área ou em atentados pontuais. Habitualmente, são disparados em rajadas de 8 a 24 foguetes apontados, por exemplo, para uma praça, um depósito de combustíveis, ou um armazém.

Disponíveis no mercado Modelos menores utilizam combustível gelatinoso à base de glicose, amônia e nitrato de potássio

Também com frequência, desde 2020, versões combinadas com ogivas incendiárias e de fragmentação têm sido usadas pelo Hamas e outros movimentos como a violenta Jihad Islâmica. Karim Ali, dirigente do braço líbio da organização, apresentou nas redes sociais, em abril, duas linhas de produção de armas, aparentemente subterrâneas.

É JORNALISTA

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Internacional Caderno: A Pagina: 13